O PROCESSO DE REDESCOBERTA DA ARQUITETURA LONDRINENSE

TEBA YLLANA GODOY[1]

GODOY, T. Y. O processo de redescoberta da arquitetura londrinense. *Semina*: Ci. Soc. Hum., Londrina, v. 21, n. 3, p. 53-58, set. 2000.

RESUMO: *Este artigo discorre sobre a importância da valorização do acervo arquitetônico de Londrina, a partir da década de 60, período em que se inicia uma produção local. O objetivo dessa discussão é propor um novo olhar sobre a cidade que contribua não apenas para preservação do acervo já tombado, como também para que as futuras intervenções sejam mais conscientes e proporcionem sua divulgação e manutenção da qualidade paisagística e urbana de Londrina. As obras estão contextualizadas sob um enfoque teórico-arquitetônico que mostra a importância dessa geração de arquitetos na consolidação das modificações do espaço urbano construído, iniciadas na década anterior.*

PALAVRAS-CHAVE: *Patrimônio arquitetônico; contextualização; edificações urbanas londrinenses.*

INTRODUÇÃO

Quando visitamos as cidades européias, percebemos que elas são constituídas não apenas de exemplares famosos, projetados por gênios conhecidos, mas que grande parte de seu acervo é composto por obras que tem como única ou principal qualidade, um respeito integral ao entorno, capaz de elevar todo um sítio urbano a categoria de Patrimônio, devido principalmente ao seu caráter histórico. Vemos que as pessoas se reconhecem em cada esquina, em cada prédio, tornando a memória uma energia viva, geradora do novo, sem se afastar de seu contexto. Este fato possibilita não apenas o nascimento e o cultivo de uma tradição como também direciona o desenvolvimento artístico em geral. No caso específico da cidade, os indivíduos passam a se sentir elementos integrantes, ativos no desenvolvimento urbano e, de certa maneira, responsáveis por sua cidade, retroalimentando o seu acervo.

Ao observarmos as cidades brasileiras percebemos que tal fenômeno não ocorre ou ocorre de forma isolada, com interesses mais turísticos do que históricos. As pessoas não se sentem responsáveis pela qualidade urbana e relegam ao poder público toda a responsabilidade pela manutenção de suas cidades, de suas obras arquitetônicas e paisagísticas. Todavia perguntamos o porquê de tal fenômeno, se contamos com inúmeros exemplares urbanísticos e arquitetônicos, eruditos e vernáculos, tão significativos quanto seus correspondentes europeus. Talvez isto ocorra por uma diferença vital e que não esta relacionada com o objeto em si, mas com o fato dele ser desconhecido do público em geral e, portanto, nulo no que tange à formação de uma cultura local, tão importante para a preservação do Patrimônio de nossas cidades e para o nascimento do vínculo do cidadão com sua cidade.

Tomando essa preocupação como ponto de partida, iniciamos uma discussão sobre a valorização e preservação da arquitetura como um dos elementos fomentadores de cultura, sem entrarmos no mérito específico do Patrimônio, mas apenas propondo uma redescoberta ou uma revisitação sobre a paisagem urbana londrinense.

A escolha de Londrina ocorreu, principalmente por estarmos inseridos em seu contexto e podermos através daquilo que o urbanismo chama de *estranhamento,* tão necessário para a manutenção da qualidade de nossas cidades, analisarmos o que conhecemos de seus exemplares, da qualidade de seu sítio urbano e paisagístico, nos possibilitando. Localizada ao norte do Paraná, com apenas 66 anos, Londrina contém um sítio urbano muito interessante, com vários exemplares de personalidades como: Oscar Niemeyer, João Batista Vilanova Artigas, Roberto Burle Marx e Carlos Cascaldi, além de inúmeras obras de grande qualidade técnica e projetual, desenvolvidas por arquitetos da própria cidade, que aqui chegaram a partir da década de

[1] Arquiteta e professora de projeto arquitetônico 3 e 4, na UEL- Universidade Estadual de Londrina, desde 1994. É mestre pela FAU/USP, cuja dissertação teve como tema os pioneiros da arquitetura londrinense.

60, estimulados pela economia cafeeira. Atualmente, a cidade possui três escolas de arquitetura, o que a torna um centro de especial atenção no estudo e desenvolvimento de suas edificações. Várias pesquisas têm sido realizadas sobre o início de sua colonização, suas influências construtivas e sobre a década de 50, mais especificamente sobre a figura de João Batista Vilanova Artigas e suas obras, que se tornaram referências nacionais. Acervo fundamental para o entendimento da trajetória arquitetônica da cidade, contudo material de pesquisa sobre a produção arquitetônica londrinense desenvolvida a partir da década de 60, quando ocorre o nascimento da arquitetura local erudita, é praticamente inexistente

Sabemos que o ápice da arquitetura londrinense se concentra na década de 50 e na isso é fato, porém a arquitetura produzida por esses profissionais locais que se utilizaram linguagens arquitetônicas próprias e se deixaram influenciar pela cultura local em graus diferentes, segundo sua origem, resultam em uma produção de alta qualidade, digna de estudo.

Assim, o enfoque desse artigo é despertar o interesse por essas obras, desenvolvidas por arquitetos ou engenheiros-arquitetos, que começaram a chegar na cidade a partir da década de 60 atraídos pelo *ouro verde* londrinense e pela repercussão das obras de Artigas, ávidos por desenvolverem as habilidades aprendidas nos grandes escritórios pelos quais passaram. A maioria jovem, produziu obras bem proporcionadas e de qualidade técnica apurada, dada às condicionantes da época e acabaram permanecendo na cidade até os dias atuais, seus trabalhos refletem momentos importantes da história de Londrina e não estão concentradas num determinado período ou vinculadas a um determinado profissional, mas compõem a primeira geração de arquitetos londrinenses. Muitas de suas edificações ainda resistem aos tempos e às inúmeras mudanças de uso e formam uma, ainda considerável amostragem da arquitetura londrinense entre 1960 até meados dos anos 80.

Resgatar e analisar estas obras, assim como sua história, que se encontra em acelerado processo de desaparecimento, é tarefa hercúlea e de vários, mas que nos permitirá não apenas preservarmos o acervo já tombado, mas vislumbramos como os preceitos modernistas foram interpretados e qual a influência que a região exerceu no trabalhado de cada um desses pioneiros, sem, contudo, acarretar prejuízo das qualidades arquitetônicas de suas obras, com a presumida manutenção da qualidade da paisagem urbana e da promoção de um desenvolvimento mais ordenado.

Com base na experiência de cada um desses pioneiros e na vocação arquitetônica da própria cidade, que sempre patrocinou, como já citamos, a boa arquitetura da vanguarda paulistana, inclusive, conforme nos relata Xavier (1985). Londrina foi pioneira em obras modernas no Paraná, antecedendo inclusive a capital, com um repertório racionalista amadurecido. Sendo assim, definimos uma linguagem-modelo como critério de análise do sítio londrinense e verificamos que os princípios ditados pelo Movimento Moderno Brasileiro seriam os que melhor norteariam essas análises.[1]

Outra justificativa que me pareceu muito significativa foi o fato de que a utopia racionalista no Brasil foi particularmente brilhante e podemos encontrar, em quase todas as nossas cidades, ao menos um exemplar de arquitetura moderna de excelente qualidade e que infelizmente é dilapidado dia a dia. O Brasil é talvez um dos países que possui o maior e um dos mais expressivos acervos de arquitetura moderna do mundo e poucos o conhecem.

Esse movimento surgiu na virada do século XIX, num contexto de intensas modificações na dinâmica social européia em função da industrialização, que incutiram valores e sentimentos de poder sobre a natureza e o homem, manifestados através das artes em geral e que em arquitetura conduziram à afirmação do funcionalismo, da industrialização de métodos e materiais, além da universalização dos conceitos habitacionais, chegando ao Brasil em fins da década de 20, conforme nos relata Pevsner (1982).[2] Sua linguagem espacial é clara, caracterizada por composições assimétricas, de influência cubista, onde: estrutura independente, peles de vidro, amplas janelas horizontais, ausência de ornamentos, predileção por planos brancos amplos pátios, laje plana, terraços-jardins e o uso de brises e pilotis, são elementos construtivos sempre presentes.

Em 1943 o Brasil, que já se projetava como uma potência no universo da arquitetura moderna chamou a atenção do mundo devido à *Brazil*

[1] Os primeiros registros da presença da arquitetura moderna no Paraná ocorrem no início dos anos 50. Não apontam para Curitiba, próxima ao litoral, mas para noroeste, região ligada ao dinamismo do café. É na praça central de Londrina, então com 20 anos e pouco mais de 20mil habitantes, que Vilanova Artigas, um curitibano formado pela Politécnica da Universidade de São Paulo, realiza importante obra, a estação rodoviária da cidade, hoje tombada pelo patrimônio histórico. (Xavier, 1985)

[2] Por volta de 1914, teorias, utopias e processos projetuais já estavam delineados, obras importantes já haviam sido executadas, porém com a 1a Guerra Mundial houve uma pausa de aproximadamente seis anos e uma severa perda na crença dos homens na paz e na prosperidade, desviando novamente a arquitetura de seu caminho, que só veio a se firmar no final dos anos 20, época em que o movimento atingiu o Brasil. (Pevsner, 1982)

Buildings, uma mostra sobre arquitetura brasileira promovida pelo *Museum of Modern Art*, em Nova York. Pevsner foi, também, um dos que comentou a exposição, citando o nosso país como dono de uma imaginação livre e desinibida, que outrora produzira um dos Barrocos *mais disparatados do século* e agora simplesmente estava produzindo o que bem queria dentro do Movimento Moderno.

Alguns fatores, de acordo com alguns críticos e historiadores de arquitetura como Bruant ou Segawa (1999), parecem poder explicar o porquê do Movimento Moderno ter se incorporado tão bem ao pensamento construtivo do brasileiro a ponto de adquirir características próprias. O primeiro ponto, levantado por Bruant (1999), foi a concentração populacional, econômica e cultural do país ser proveniente de basicamente três grandes cidades: Rio de Janeiro, São Paulo e Belo Horizonte, não existindo outras que tivessem sido capazes de desenvolver uma cultura totalmente isolada, ou mesmo um indivíduo que tivesse imposto uma estética alheia aos padrões por elas estabelecidos, possibilitando pouca variação da linguagem. Fato apontado, inclusive por Juscelino Kubitschek (1975) e tendo sido um dos principais motivos que o impulsionou à construir Brasília, no planalto central, numa tentativa de se valorizar ou mesmo conhecer as diversidades culturais brasileiras. Em seu livro *Por que Construí Brasília* ele conta que a idéia de se transferir a capital para uma região mais central já remontava o ano de 1789, mostrando que, desde a monarquia, a dispersão cultural brasileira sempre esteve subordinada à região sudeste.[3]

Bruant (1999) ainda aponta outro fator fundamental; a de que certas características da arquitetura moderna atraíram de imediato os arquitetos brasileiros, devido às nossas condições geoclimáticas, com calor e luminosidade intensos, adequando-se ao uso de brises, principalmente no inverno, quando o sol penetra profundamente nas dependências, além dos terrenos serem muito diversificados, com grandes desníveis, facilitando a implantação de pilotis, quer em edifícios como em residências. E, sobretudo, pelo fato do concreto ser um material muito econômico, para a realidade brasileira, pois areia e cascalhos, são encontrados em qualquer lugar, minimizando as dificuldades com o transporte.[4]

Por fim, o fato de não termos passado por guerras, contribuiu consideravelmente para a dispersão do movimento moderno no país, evitando que esse processo fosse paralisado, como ocorreu entre os países europeus, como comprova os sensos da década de 50, que acusaram em quase todo o país, um crescimento populacional na área urbana, com acréscimo de: 188% em Goiânia; 112% em Curitiba e 98% em Belo Horizonte.

Reportando-me novamente a Artigas, quando diz *"Nós mesmos teremos que escrever nossa própria história"*, este artigo procura mostrar que grande parte do aprendizado se dá a partir do reconhecimento do nosso entorno imediato, de nossas potencialidades e limitações para, a partir daí, construirmos um repertório e fazermos uma história.

A ARQUITETURA LONDRINENSE

Londrina sempre soube trabalhar essa característica experimental, tendo se destacado ao longo da história diversas vezes, passando de posto avançado da CTNP, para Capital Mundial do Café, esse caráter que lhe faz, simultaneamente, produto do desenvolvimento e produzi-lo, é talvez um dos principais fatores que permitiu que a cidade incorporasse, entre fim dos anos 40 e o início dos anos 80, os preceitos de uma arquitetura de grande qualidade, de bases racionalistas. Fato que merece ser conhecido e respeitado pela população, senão em geral, ao menos estudantes e profissionais da região, para que possam, não somente conhecer de maneira mais profunda a arquitetura de sua cidade, mas principalmente aprender com ela.

Essa primeira geração de arquitetos introduziu significativas mudanças na paisagem londrinense, tendo nos deixado, como principal contribuição, a consolidação da figura do arquiteto como produtor de cultura, um profissional que através da manipulação das formas no espaço, reflete a mentalidade de sua sociedade, com suas aspirações e potencialidades, e cada um fez isso a sua maneira.

[3] Ao contrário da função que competira a Salvador – que fora a de impor a presença da dinastia na terra despovoada e selvagem – coube a Brasília uma tarefa bem mais profunda e de muito maior alcance: a de puxar para oeste, a massa populacional do litoral, de forma povoar o Brasil igualmente, e através desse empuxo migratório interno, realizar, quando muito no período de duas décadas, a verdadeira integração nacional. (Kubitschek, 1975)

[4] Os construtores locais empregaram materiais industrializados com muito maior intensidade que materiais naturais; não é característica própria de nosso século, mas resultado de longa tradição..., num país onde não há pedra, mas que, em compensação, conta com solos argilosos em abundância: disponibilidade de matéria-prima, facilidade de fabricação por processos artesanais e mais tarde industriais, baixo custo de produção, transporte farto e barato, são fatores que favoreciam o emprego desses materiais... *O concreto armado era, portanto, o único material moderno que se prestava ao trabalho artesanal e, por conseguinte, o mais bem adaptado às condições de um país subdesenvolvido.* (Bruant, 1999)

Ivan Jekoff, nascido em Warna, Bulgária, em 1920 e naturalizado brasileiro, foi responsável pela introdução de algumas técnicas construtivas em estrutura metálica na cidade. Sua primeira obra em Londrina foi o Ed. Alaska, datado de 1963, (Figura 1).



Figura 1 – Edifício Alaska, 1963
Acervo: Ivan Jekoff

Com uma arquitetura predominantemente residencial e comercial, Ivan concentrou sua atenção aos materiais e ao detalhe. A riqueza de texturas e cores, com que elabora os planos; os recursos de luminoteca e o mobiliário, são recorrentes em suas obras, embora não cheguem a se caracterizar como arquitetura de interiores.

Seu desenho se desenvolve a partir da definição das aberturas, uma vez que o plano que contém as principais esquadrias é o norteador da volumetria e do ritmo da edificação. Utiliza em geral, esquadrias metálicas, em chapa dobrada, sistema de execução que introduziu em Jacarezinho e Londrina, no início dos anos 60, (Figura 2).



Figura 2 – Agência da Mercedes Benz, 1967
Acervo: Ivan Jekoff

A forma cilíndrica e a laje nervurada são elementos arquitetônicos muito utilizados, para complementar o ritmo das esquadrias, esse efeito produz obras de grande movimentação, cuja dinâmica é acentuada quando os terrenos possuem desníveis. (Figura 3)



Figura 3 – Agência da Mercedes Benz, 1967
Acervo: Ivan Jekoff

Numa tendência mais próxima ao organicismo, Ivan quase sempre procura uma integração com o lote, dividindo o desnível em vários pequenos lances de escadas, intercalados por grandes planos horizontais.

Devido a uma personalidade avessa à discussões e polêmicas, por muitas vezes,abriu mão de sua boa arquitetura para atender aos caprichos de clientes. Porém, fica claro que a obra sofreu interferências, não representando mais o pensamento do arquiteto.

Léo de Judá Barbosa, natural de Belo Horizonte, Minas Gerais, em 1937. Trabalhou junto ao poder público por duas vezes, desenvolvendo trabalhos importantes tanto como planejador, organizando uma série de cadernos de diagnóstico da cidade, quanto como arquiteto, com obras institucionais necessárias para o desenvolvimento da cidade, como: a mudança do pátio ferroviário da malha central, e com obras que se tornaram símbolos arquitetônicos da cidade, como: o Ginásio de Esportes Prof. Darci Cortês (Figura 4), a Farmácia Vale Verde (Figura 5) e a Associação Odontológica Norte do Paraná (Figura 6).

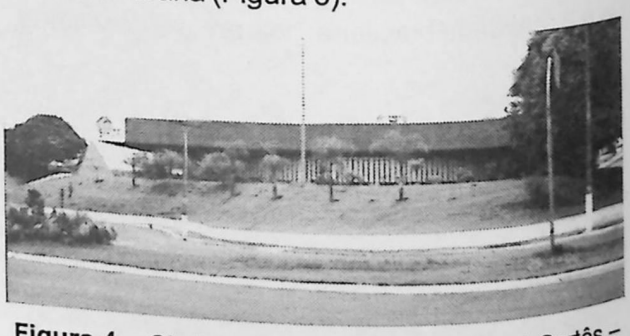


Figura 4 – Ginásio de Esportes Prof. Darci Cortês – "Moringão", 1972
Acervo: Teba Yllana Godoy

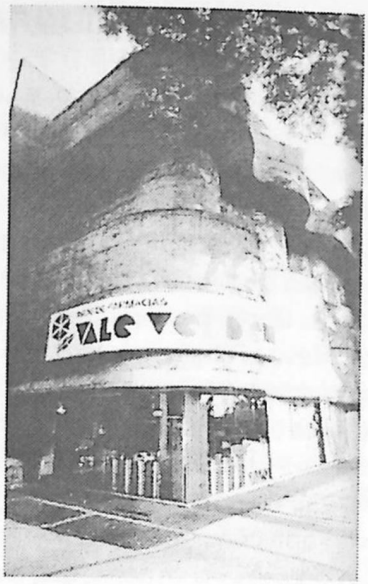


Figura 5 – Farmácia Vale Verde, 1984
Foto: Luciana Lagana

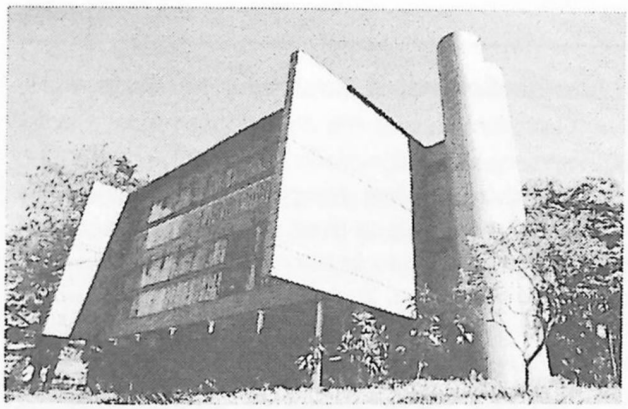


Figura 6 – Associação Odontológica do Norte do Paraná, 1971.
Foto: Luciana Lagana

Sua visão de projeto é bastante arrojada, demonstrando um conhecimento profundo do concreto armado. Léo explora todas as suas potencialidades, em obras que primam pela estrutura, numa filosofia nitidamente brutalista. Sua volumetria, rígida e inventiva, marca o domínio do homem sobre a natureza e a capacidade do arquiteto em explorar as melhores visuais do terreno, lhe permitindo enfatizar essas nuances no projeto, resultando em obras de excelente qualidade arquitetônica.

Luiz Cezar da Silva, nascido em Santo Antônio da Platina, Paraná, em 1933 e falecido em Londrina, Paraná, em 1995. Autor de obras relevantes na cidade e de importância capital nas discussões sobre a situação da cidade, junto à sociedade. Sua erudição lhe possibilitou estar sempre alertando a população, através de artigos para jornais e revistas e palestras, sobre os problemas urbanos e propor soluções sensatas, em geral, concursos de idéias, como o do Bosque. Tais atividades desencadearam na formação do Clube de Engenharia e Arquitetura de Londrina e em várias ações que visaram a melhoria da qualidade de vida.

Foi um dos responsáveis pela criação do curso de arquitetura da Universidade Estadual de Londrina, participando no desenvolvimento do campus universitário atual. Participou também do projeto do centro cívico de Londrina e foi autor de projetos que são referências regionais, devido principalmente, ao seu caráter aglutinador, como o Parque de Exposições Gov. Ney Braga, um complexo de lazer e negócios agropecuários e o Com-Tour Shopping Center, o primeiro shopping do sul do país, (Figura 7).



Figura 7 – Com-Tour Shopping Center, na década de 80
Acervo: Ana Marta da Silva

Luiz Cezar foi o mais criterioso dos três, desenvolvendo uma metodologia de trabalho bastante detalhada, cuidando de todos os aspectos construtivos da obra, que resultavam em inúmeros croquis, (Figura 8), pranchas de detalhes, análises de custos e planilhas orçamentárias. Suas obras refletem esta característica, concebendo o projeto a partir de um fluxograma planimétrico e funcional, que resulta numa volumetria exata, sem exageros, estruturada a partir de materiais tradicionais e de palheta reduzida. (Figura 9) [5]

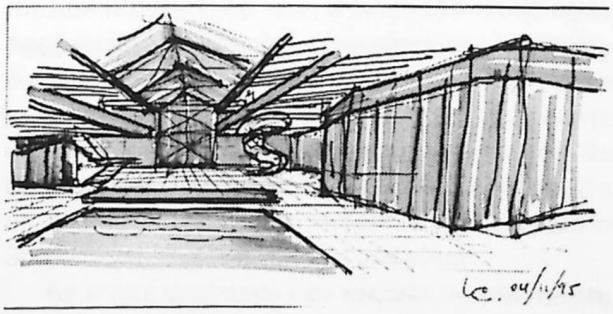


Figura 8 – Com-Tour Shopping Center, na década de 80
Acervo: Ana Marta da Silva

[5] As biografias dos arquitetos assim como o levantamento de suas obras foram conseguidas através de entrevistas, tendo sido realizadas, para a elaboração da minha dissertação de mestrado, em 2000.

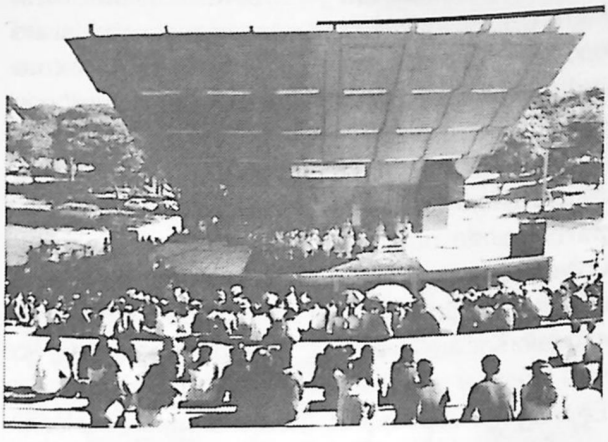


Figura 9 – Anfiteatro Jonas Dias Martins, 1977
Acervo: Ana Marta da Silva

CONCLUSÃO

Talvez, o principal legado de Artigas à Londrina, tenha sido o estabelecimento de uma ponte entre a Arquitetura Moderna Brasileira, que ocorria nos grandes centros, e a própria cidade. Tomadas em módulo, as obras e os arquitetos citados, assim como muitos outros igualmente importantes, como o arquiteto Sergio Bopp, os engenheiros Américo Sato e Amílcar Neves Ribas, refletem não apenas uma mudança na paisagem urbana, mas antes de tudo, uma mudança da mentalidade construtiva, com inovações e arrojos técnicos pouco vislumbrados nas cidades brasileiras de porte médio. Tal patrimônio deve ser preservado não apenas na memória mas no cotidiano da população, com ações que estimulem sua valorização e principalmente divulgação.

GODOY, T. Y. Rediscovery in process – the architecture of Londrina. *Semina*: Ci. Soc. Hum., Londrina, v. 21, n. 3, p. 53-58, set. 2000.

ABSTRACT: *This article discourses about the Londrina buildings valorization, from the sixties, when the local architectural production has begun. The target is to propose a new glace over de city that helps not only to preserve buildings already under protection by heritage laws, bur also to permit more professional conscientiousness in futures architectural interventions, besides improve the marketing of the urban landscape quality of Londrina. The buildings are conceptualized by a architectural theories that emphasized the importance of this first generation of architects due to the development and establishment of this good urban landscape quality that started in the decade before.*

KEY WORDS: *Architectonic patrimony; contextualization; urban.*

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARTIGAS, Vilanova. *A Função social do arquiteto*. São Paulo: Fundação Vilanova Artigas; Nobel, 1989;

BRUANT, Ives. *Arquitetura contemporânea no Brasil.* 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 1999.

KUBITSCHEK, Juscelino. *Por que construí Brasília.* Rio de Janeiro: Bloch, 1975.

PEVSNER, Nicolaus. *Panorama da arquitetura ocidental.* São Paulo: Martins Fontes, 1982;

SEGAWA, Hugo. *Arquiteturas no Brasil – 1900-1990.* São Paulo: EDUSP, 1999.

SHIMBA, Otávio ; Uren, Flávio. *Londrina cidade cenário.* Londrina : Midiograf , 1999.

XAVIER, Alberto. *Aquitetura moderna em Curitiba.* Curitiba: PINI , 1985.